

Economia sente custos da crise

Brasil

A INCERTEZA INIBE INVESTIMENTOS E AMARRA REFORMAS ESTRATÉGICAS



FÁBIO PAHIM JR.

A crise política deflagra pelas denúncias do irmão do presidente, Pedro Collor, inoculou na economia o veneno da incerteza. Em um mês e meio, os custos já são maiores do que as autoridades econômicas admitem: 1) decisões de investimento são adiadas; 2) atrair dólares ficou mais difícil; 3) com a queda na Bolsa, as empresas abandonam projetos de emissão de ações; 4) até a inflação "dever ter crescido em cerca de 2 pontos percentuais com a crise", avalia o economista Cláudio Roberto Contador, responsável pela publicação **Indicadores Antecedentes**.

Preocupados com a perda de ritmo das atividades, os empresários preparam para quarta-feira um gigantesco jantar em torno de Marílio, procurando conjurar a incerteza. Ela é o problema mais grave, tanto para o economista Afonso Pastore, ex-presidente do Banco Central (BC), como para o presidente do banco Itaú, Carlos Câmara Pestana.

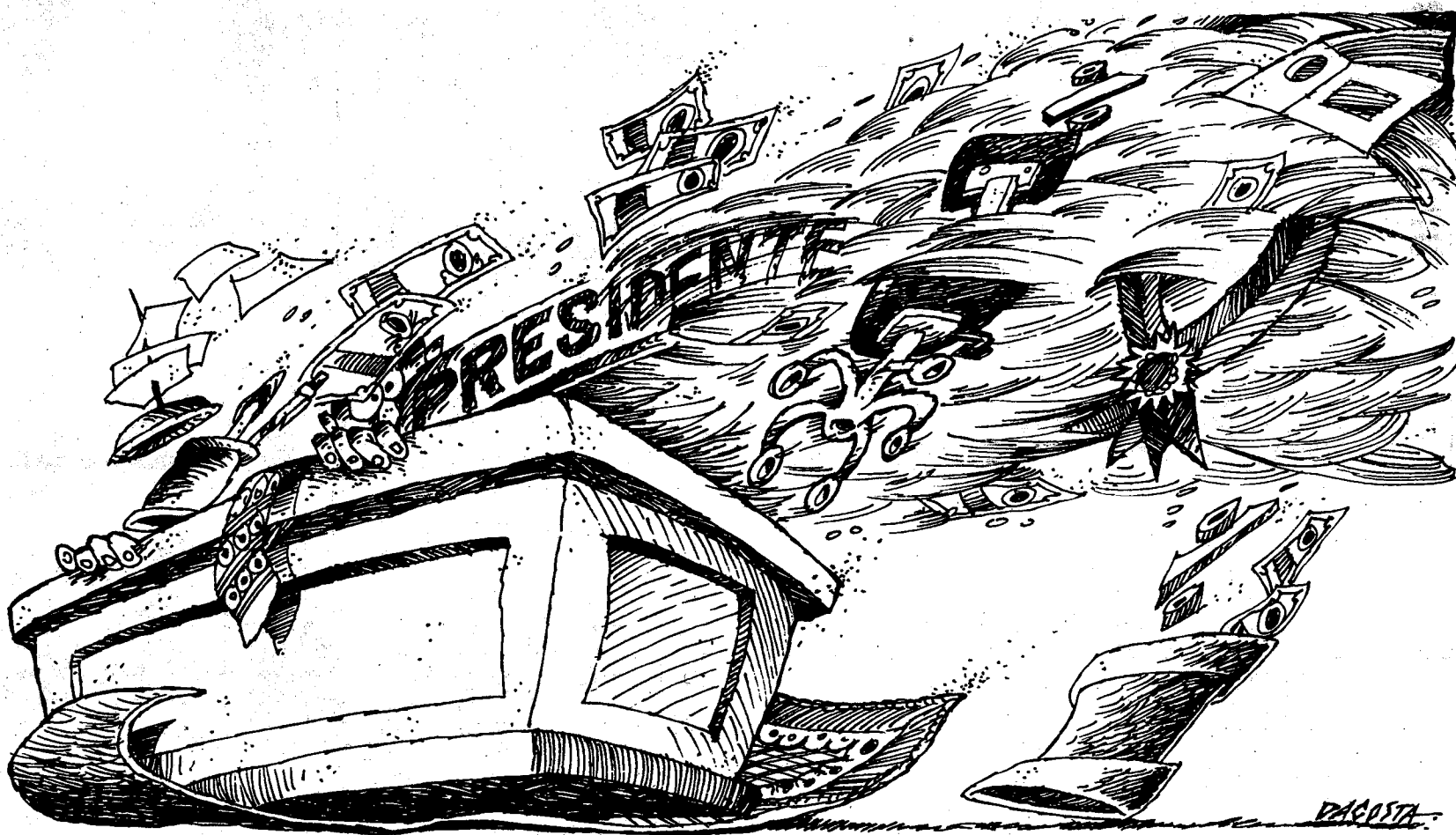
Graças a uma burocracia forte e a leis estáveis a incerteza não chegou à economia norte-americana em 73/74, em meio ao escândalo Watergate, que levou o presidente Richard Nixon à renúncia. Mas o Brasil é diferente. "O que distingue nosso problema é a enorme dependência do Estado e do que faz o governo", explica o

economista José Júlio Senna, ex-diretor do BC. "Lá os empresários não dependem do governo."

Mesmo em economias desenvolvidas a história mostra o erro de introduzir políticas indesejadas: na França, o programa de Mitterrand, eleito pela primeira vez em 1981, provocou fuga de capital. Mais semelhante ao Brasil, a Argentina conviveu com a incerteza por quase meio século.

Senna diz que o maior risco no Brasil é que as reformas estruturais sejam retardadas. "Mudanças nos portos e na estrutura tributária são vitais para as decisões de investimento, porque reduzem os custos das empresas", argumenta o ex-diretor do BC. O presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo, Geraldo Gardenalli, aponta mais um custo: "A desagregação moral, difícil de avaliar, estimula a sonegação."

São raros os economistas que refutam a existência de custos com a crise política, como Maria Helena Zockun, da Fipe. "Estou admirada com a maturidade do País", afirma. Na sua opinião as incertezas já estavam presentes antes das denúncias, que poderão até acelerar decisões sobre temas como a reforma fiscal. Pelo menos um setor, o da poupança, escapou à crise. "Os depósitos cresceram nas últimas semanas", nota Fábio Araújo Nogueira, gerente geral da BFB Crédito Imobiliário.



Os custos da crise

A crise política tem custos econômicos...

Situação anterior	Situação em maio/junho
1. Inflação estável	Aumento de 2 pontos, segundo Cláudio, contador
2. Atração de US\$ 1 bi do Exterior para as Bolsas em 92	Diminuição das entradas e fluxo negativo de US\$ 90 milhões na 2ª e 3ª semanas/junho
3. Venda de ações novas	Virtual paralisação dos underwritings
4. (underwritings) capitalizando grandes empresas: (Aracruz, Caemi, Mesbla, Bahia Sul, Antarctica, Ferro Ligas)	
5. Leve recuperação no comércio	Redução de vendas nos últimos 15 dias
6. Tendência de mais investimentos na produção	Empresas adiam planos
7. Crescimento contínuo das reservas cambiais até US\$ 21 bilhões	Estabilização ou ligeira queda para conter a procura do dólar e do ouro (BC teria vendido entre US\$ 400 milhões e US\$ 1 bi)
8. Prejuízos na Bolsa	Investidores estrangeiros perderam US\$ 500 milhões. Carteiras de todos os acionistas valem menos US\$ 20 bilhões.

...e pode retardar as reformas estruturais

Reformas em curso	De São Paulo para
1. Reforma fiscal com arrecadação adicional de US\$ 12 bilhões	Aprovação mais difícil, mantendo o déficit e a economia demora mais para estabilizar (reduzir inflação)
2. Privatização para arrecadar US\$ 4 bilhões em 92	Acelerar o processo torna-se mais difícil, cresce contestação judicial (adiado o leilão da Cia. Nacional de Alcalis)
3. Avanços na desregulamentação com quebra de resistências (portos)	Resistências corporativas crescem, o processo torna-se mais oneroso (portos)